

Posfácio

A língua portuguesa
e a sociedade da informação
em Portugal e no Brasil

Moisés de Lemos Martins⁵⁴

⁵⁴ Diretor do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, e também do Museu Virtual da Lusofonia.

Em *Língua portuguesa global. Comunicar no panorama mediático luso-brasileiro* José Gabriel Andrade traça uma perspectiva do papel exercido pela língua portuguesa na sociedade da informação, centrando a atenção no espaço luso-brasileiro. O seu particular ângulo de enfoque é a influência da língua portuguesa na economia e nos negócios em Portugal e no Brasil. Mas não deixa de atender, também, às particularidades identitárias e culturais que este espaço manifesta.

Fazendo notar, por um lado, que o Brasil é um país emergente, que se afirma economicamente na cena mundial, assinala, por outro lado, as grandes transformações que ocorreram em Portugal, em razão das tecnologias da comunicação e da informação, as quais aceleraram a comunicação, tanto entre as pessoas como nas instituições, e tornaram possível uma incomparavelmente maior mobilidade dos cidadãos.

De um modo pedagógico e instrutivo, José Gabriel Andrade expõe as diferenças políticas e culturais, existentes entre o espaço de língua portuguesa e os espaços da Francofonia e da Commonwealth. Mas a linha principal do seu pensamento vai no sentido de apresentar a língua portuguesa como instrumento de mediação e de interface na Comunicação Organizacional e Estratégica. Esta valorização da língua portuguesa como ator do espaço económico, junto das empresas, organizações e instituições no espaço luso-brasileiro concorre para o (re)conhecimento da língua portuguesa global.

A globalização é uma consequência própria da era da técnica, em que as tecnologias da informação e da comunicação nos mobilizarem, total e infinitamente, para o mercado, a competição e o ranking (Carvalho, 2019; Martins, 2010), e tornam possível o desenvolvimento de “identidades transculturais e transnacionais” (Martins, 2018a, 2018b), que exprimem a luta pela ordenação simbólica do mundo (Bourdieu, 1977, 1979, 1982).

É precisamente a questão geo-estratégica e cultural do combate pela ordenação simbólica do mundo que constitui o cerne da questão lusófona (Martins, 2018b). Colocam-se nesta questão, geo-estratégica e cultural, os problemas de uma língua hegemónica, o Inglês, e com ela, não apenas a subordinação da língua portuguesa, como também a subordinação das

atividades, política, económica, científica e cultural, dos países lusófonos (Martins, 2018c; Martins & Macedo, 2019).

O reconhecimento da necessidade deste combate pelo ordenação simbólica do mundo pode constituir um elemento importante para o desenvolvimento das Ciências da Comunicação, tanto em Portugal como no Brasil, e especificamente da Comunicação Organizacional e Estratégica em língua portuguesa, o que vai permitir contrariar a atual tendência de a Comunicação Organizacional e Estratégica se realizar quase exclusivamente em termos anglo-saxónicos.

O estudo de José Gabriel Andrade tem, com efeito, este carácter pioneiro, de trazer para o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade as suas preocupações sobre as organizações e os negócios em Língua Portuguesa, apresentando propostas e resultados de análise na linha da Comunicação Organizacional e Estratégica. E assim, se por um lado aplica aos estudos das Ciências da Comunicação a linha de investigação que Luís Reto e a sua equipa têm desenvolvido desde 2012 (Reto, Org., 2012; Reto *et al.*, 2018, 2019, 2020), por outro, prolonga e aprofunda os estudos da equipa que na Universidade do Minho se dedica, há duas décadas, a trabalhar sobre a Lusofonia nas Ciências da Comunicação (Martins, Org., 2000, 2001; Martins *et al.* (Orgs.), 2011, 2014; Martins, Sousa & Cabecinhas, 2007; Martins, 2007, 2014, 2015, 2015/2016, 2017).

O ponto de partida de *Língua portuguesa global. Comunicar no panorama mediático luso-brasileiro* assenta numa investigação etnográfica e autoetnográfica. Esta investigação permitiu ao autor, sendo luso-brasileiro, uma perspetiva de observação mais aprofundada das linhas de investigação das Ciências da Comunicação e da Lusofonia. José Gabriel Andrade iniciou a sua participação ativa nestas temáticas, na cidade de Santos, em São Paulo (Brasil), no ano de 2002, quando ainda era estudante de licenciatura em Ciências da Comunicação. Foi a partir dessa data que iniciou as suas travessias transatlânticas. Este cruzamento de novos territórios, novas paisagens e novas atmosferas do conhecimento, permitiu-lhe observar e analisar os fluxos e refluxos da Comunicação em língua portuguesa. Com esse objetivo interagiu com muitos agentes do campo da Comunicação, tanto académicos como dos setores económico e dos negócios, tendo-os apresentado no livro.

Esta experiência alargada no domínio dos estudos da Comunicação e da Lusofonia permitiu a José Gabriel Andrade produzir narrativas contemporâneas de paisagens tecnológicas, que exprimem atmosferas sensíveis e

sociais, as quais tanto remetem para um tempo de “mobilização total para o mercado” (Martins, 2010), como simultaneamente remetem “para um tempo agitado, um tempo de sobreaquecimento contínuo, que mobiliza as emoções e configura um imaginário social de formas melancólicas” (Martins, 2020, p. 7).

A análise de José Gabriel Andrade confirma, pois, a ideia de “formas imaginárias que resultam da combinação entre *techne* e *aesthesis*, ou seja, entre técnica e emoção, e também, entre *techne* e *arche*, o que quer dizer, entre o novo e o arcaico (Martins, 2020, p. 7). Mas é através destas formas melancólicas que, “pelo desejo de ser-e-estar-com-outro”, o sentido de comunidade é reconfigurado, em permanência (Martins, 2020, p. 8).

Pode dizer-se, por outro lado, que este livro de José Gabriel Andrade vai ao encontro de outros estudos já realizados no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, com destaque para os estudos realizados no quadro do projeto “Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da Lusofonia em contextos interculturais”, que Rosa Cabecinhas coordenou entre 2010 e 2013. No quadro deste projeto são realizados estudos aprofundados sobre a Lusofonia, como reinvenção de uma comunidade geocultural na sociedade em rede (Martins, Cabecinhas & Macedo, Orgs., 2010).

Esta ideia de Lusofonia, que remete para o sentido de uma “comunidade transnacional e transcultural” (Martins, 2018a, 2018b, 2018c), não é alheia à cinética moderna, uma cinética tecnológica. Assim, no debate sobre a globalização, que é uma realidade de cariz eminentemente económico-financeiro, comandada pelas tecnologias da informação, os países de língua portuguesa não podem deixar de desempenhar o seu papel. Mas uma ideia de globalização que a esgote na sua dimensão económica financeira “dá-nos uma identidade definida, ou seja, definitiva, uma identidade de indivíduos móveis, mobilizáveis, competitivos e preformantes no mercado global” (Martins, 2015, pp. 9-10). Este entendimento de cultura global não passa de uma conceção cosmopolita de cultura, a cultura-mundo (Martins, Cabecinhas & Macedo, Orgs., 2011), uma cultura da unidade, servida por uma única língua, o Inglês.

Através da expansão do capitalismo, o mundo unificou-se. Mas também é verdade que se diversificou, por via de resistências e adaptações diversas (Sahlins, 1993, p. ix). É este o contexto em que me parece dever ser situado aquilo a que podemos chamar de “globalização multiculturalista” (Martins, 2011b) e que nos vai permitir enquadrar a “língua portuguesa global”.

A “globalização cosmopolita”, fundada nas tecnologias da informação e na economia, não pode ser contrariada por indivíduos solitários e impotentes, nem por Estados-nações em crise. No entanto, pode-o ser, pela “globalização multiculturalista”, que reúne os povos de áreas geoculturais alargadas, promove e respeita as diferenças, dignificando, do mesmo passo, as línguas nacionais (Martins, 2011b). A “globalização multiculturalista” é a globalização do que é diverso, do que é diferente, do que é outro. É feita pela mistura, pela miscigenação de etnias, línguas, memórias e tradições.

O livro de José Gabriel Andrade afasta-se, todavia, da noção do luso-tropicalismo, uma teoria social, proposta nos anos 30 do século passado, pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, que exalta a identidade brasileira e o seu “jeitinho cordial”, através do elogio com que brinda o colonialismo português, um colonialismo que apenas na fantasia de Freyre foi moderado e respeitador das diferenças étnicas, através da miscigenação. A quimera da excecionalidade do colonialismo português teria na lusofonia um equivalente em tempos pós-coloniais (Martins, 2004, 2006). Ou seja, no espaço dos países de língua portuguesa, Portugal reclamaria para si a excecionalidade da sua colonização, e do mesmo passo a centralidade da sua posição. E se falamos de língua portuguesa, Portugal seria o dono dela.

Nos dias de hoje, é fundamental uma posição esclarecida sobre os equívocos do luso-tropicalismo (Martins, 2004, 2006), quando se debate a globalização, a Comunidade de Povos de Língua Portuguesa (CPLP) e a língua portuguesa como uma língua global, nas organizações internacionais, nas indústrias culturais e criativas, no comércio eletrónico e na ciência. Na sequência da proposta de Luís Reto e da sua equipa (Reto, 2012; Reto *et al.* 2019, 2020), que valorizam “a dimensão económica da língua”, e por essa via uma ideia de “língua portuguesa global”, José Gabriel Andrade relança esta proposta articulando a sociedade da informação, ou seja, a comunicação eletrónica mediatizada, com a Comunicação Organizacional e Estratégica. *Língua portuguesa global. Comunicar no panorama mediático luso-brasileiro* propõe-nos, na realidade, o Português como um instrumento de mediação e de interface, não apenas no espaço lusófono, ao serviço do interconhecimento dos povos que falam a língua portuguesa, mas igualmente no movimento de fluxos transnacionais e transculturais do espaço global, que vai das indústrias criativas aos negócios e às trocas científicas.

Na era da técnica e da sociedade em rede, uma época marcada pela abundância de informação, e de igual maneira pela mobilização para a competição e o ranking (Martins, 2010) e pelo “sex-appeal do inorgânico” (Perniola,

2004), o que significa uma retração da razão, pode dizer-se que a proposta de José Gabriel Andrade, de um espaço agregado por uma “língua portuguesa global”, constitui, sem dúvida, um contributo importante para o reconhecimento da diversidade dos povos e culturas de Portugal e do Brasil.

Referências bibliográficas

Andrade, J. G. (2017). Língua portuguesa global: um estudo de caso luso-brasileiro. In M. Gama & H. Sousa (Eds.), *Contributos do Congresso Internacional “Redes de Cooperação Cultural Transnacionais: Um olhar sobre a realidade lusófona”* (pp. 172-194). Braga: CECS. Disponível em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2643/2552

Andrade, J.G. (2018). The Portuguese Language in a Globalized World. In V. Leister (ed.). *Brazil and the Emergence of a Digital Lusosphere* (pp. 19-39). Lanham: Lexington Books.

Bourdieu, P. (1977). “Sur le pouvoir symbolique”. *Annales*, n. 32(3), pp. 405-411. <https://doi.org/10.3406/ahess.1977.293828>.

Bourdieu, P. (1979). *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit.

Bourdieu, P. (1982). *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard.

Brito, R. & Martins, M. L. (2004). Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português. In *Livro de Atas do III Congresso da Sopcom*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/1005>.

Cabecinhas, R. (2016). Relatório final [do Projeto] Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da Lusofonia em contextos interculturais. Ref.ª: PTDC/CCI-COM/105100/2008. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/44021>

Carvalho, C.A. (2019). Moisés de Lemos Martins [entrevista]. *Matrizes*. São Paulo, v. 13(1), pp. 93-106. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1>

Martins, M. L. (Org.) (2000). *Comunicação e Sociedade, 2 – As Ciências da Comunicação no Espaço Lusófono*, I. Braga: Universidade do Minho.

Martins, M. L. (Org.) (2001). *Comunicação e Sociedade, 3 – As Ciências da Comunicação no Espaço Lusófono*, II. Braga: Universidade do Minho.

Martins, M. L. (2004). Lusofonia e Luso-tropicalismo: equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. X Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: PUC. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/1075>

Martins, M. L. (2006). A lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico. In M. L. Martins; H. Sousa, & R. Cabecinhas (Eds.) *Comunicação e lusofonia: para uma abordagem crítica da cultura e dos média* (pp. 79-87). Porto: Campo das Letras. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/29957>.

Martins, M. L. (2007). Nota introdutória. A época e as suas ideias. *Comunicação e Sociedade*, 12, 5-7. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/24115>.

Martins, M. L. (2010). A mobilização infinita numa sociedade de meios sem fins. In C. Álvares & M. Damásio, (Orgs.), *Teorias e Práticas dos Media. Situando o local no global* (pp. 267-278). Lisboa: Edições Lusófonas. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/24250>.

Martins, M. L. (2011a). *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio. <http://hdl.handle.net/1822/29167>.

Martins, M. L. (2011b). Globalization and Lusophone World. Implications for citizenship. In M. Pinto e H. Sousa (Orgs.) *Communication and Citizenship. Rethinking crisis and change* (pp. 75-84). IAMCR Conference, 2010. Coimbra: Grácio/CECS. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/25344>.

Martins, M. L. (2014). Língua Portuguesa, globalização e lusofonia. In N. Bastos (Org.). *Língua Portuguesa e Lusofonia* (pp. 15-33). São Paulo, EDUC- IP-PUC. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/29178>.

Martins, M. L. (2015). Média digitais e lusofonia. *Lusofonia e Multiculturalismo. Promessa e travessia* (pp. 27-56). Famalicão: Húmus. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/39698>

Martins, M. L. (2015/2016). Ciências da Comunicação e mundo Lusófono. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, XIII, 11-18. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/45164>

Martins, M. L. (2017). Comunicação da ciência, acesso aberto do conhecimento e repositórios digitais. O futuro das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas. In M. L. Martins (ed.). *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas: O caso das Ciências da Comunicação* (pp. 19-58). Vila Nova de Famalicão: Húmus/CECS. Disponível em [https://doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2937](https://doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2937)

Martins, M. L. (2018a). A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. *Letrônica – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS*, 11(1), pp. 3-11. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2018.1.30438>

Martins, M. L. (2018b). “Communication studies cartography in the Lusophone world”. *Media, Culture & Society*, v. 40(3)1-6. <https://doi.org/10.1177/0163443717752812>

Martins, M. L. (2018c). “Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica”. *Comunicação e Sociedade*, n 34, pp. 87-101. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/57437>

Martins, M. L. (2020). “Tecnologia e literatura: as narrativas transmediáticas”. *Letras de Hoje*, v. 55, n. 1, pp. 4-13. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2020.1.34786>.

Martins, M. L.; Cabecinhas, R.; Macedo, L. (Eds.) (2010). *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Vol. *Lusofonia e Sociedade em Rede*. Coimbra: Grácio Editor/ Lusocom, Sopcom, CECS. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/36702>

- Martins, M. L.; Cabecinhas, R.; Macedo, L. (Eds.) (2011). *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Vol. *Lusofonia e Cultura-mundo*. Coimbra: Grácio Editor/ Lusocom, Sopcom, CECS. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/29848>
- Martins, M. L., Cabecinhas, R., Macedo, L., & Macedo, I. (Eds.) (2014). *Interfaces da Lusofonia*. CECS: Braga. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/29765>
- Martins, M. L. & Macedo, I. (Eds.) (2019). *Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono*, Famalicão: Húmus. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/62825>
- Martins, M. L.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (2007). Lusocom: estudo das políticas de comunicação e discursos no espaço lusófono. In M. Ledo (Org.). *Comunicación Local no Espazo Lusófono* (pp. 301-310). Santiago de Compostela: Agacom. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/24127>
- Perniola, M. (2004) [1994]. *O Sex-Appeal do Inorgânico*. Coimbra: Ariadne Editora.
- Reto, L. (Org.) (2012). *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editora.
- Reto, L. et Al. (2019). *Empregabilidade em África e Competências Linguísticas: O Caso da Língua Portuguesa*. Lisboa: Instituto Camões.
- Reto, L. et Al. (2020). *A Língua Portuguesa como Ativo Global*. Lisboa, Imprensa Nacional – Instituto Camões.
- Sahlins, M. (1993). "Goodbye to 'Tristes Tropiques': Ethnography in the context of modern history". *Journal of Modern History*, 65, 1-25. March.